

Editorial

revista



Volume 24 • nº 1 (2020)

ISSN 2179-0892

Fabio Betioli Contel

Universidade de São Paulo

São Paulo, SP, Brasil

e-mail: fbcontel@usp.br

p. 5-7

Como citar este artigo:

CONTEL, F. B. Editorial. **Geosp – Espaço e Tempo** (On-line), v. 24, n. 1, p. 5-7, abr. 2020. ISSN 2179-0892.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/168079>. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2020.168079>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 Licence

revista

Geo 

USP

espaço e tempo

Vem a lume mais um número da *Geosp*, com artigos extremamente interessantes, sobre uma diversidade de temas e problemas próprios da ciência geográfica: debates teóricos “internos” à disciplina, interpretações geográficas de problemas históricos ou contemporâneos, relações da geografia com políticas públicas territoriais, assim como discussões sobre a produção recente nesse ramo do conhecimento.

A divulgação de conhecimento de qualidade em veículos como os periódicos científicos é ainda mais vital nesta conjuntura, não só na geografia. Vivemos numa época em que autoridades públicas em diversos países têm adotado sistematicamente posturas obscurantistas, negacionistas ou comprometidas com grupos sociais que têm pouco – ou nenhum – interesse em aprimorar o conhecimento e usá-lo para tornar mais justas as formas de organização da sociedade e do espaço geográfico.

Cabe lembrar ainda que as revistas científicas se tornam mais fundamentais neste período histórico, em que as técnicas da informação permitem a multiplicação das formas de produção e veiculação de praticamente todo e qualquer tipo de discurso, inclusive aqueles cirurgicamente pensados para desinformar e impedir o debate público honesto, como é o caso das chamadas *fake news*. Ainda que as informações jornalísticas e as científicas trafeguem por canais diferentes dessa psicosfera que molda nossa consciência, os periódicos são fóruns fundamentais para zelar, com suas práticas editoriais rigorosas e seus quadros de pareceristas, pela qualidade da informação disponibilizada para a sociedade. É também nesse sentido que apresentamos os textos que compõem este número.

No artigo “Dimensões do geográfico: da quantidade à qualidade, do ente ao ser”, Elvio Rodrigues Martins desenvolve uma importante discussão sobre algumas das principais categorias da geografia e mostra como o debate sobre elas pode iluminar uma questão central para a filosofia do conhecimento geográfico: essas categorias representam entes lógicos ou ontológicos?

Rita de Cássia Ariza da Cruz propõe uma nova regionalização do território nacional em “Ensaio sobre a relação entre desenvolvimento geográfico desigual e regionalização do espaço brasileiro”. A proposta está fundada em sólida revisão bibliográfica e no tratamento de algumas variáveis empíricas

revista

Geo 
USP

espaço e tempo

Volume 24 • nº 1 (2020)

ISSN 2179-0892

significativas, o que permitiu à autora concluir que haveria hoje sete regiões no território brasileiro.

Fernando Coscioni, em seu “Ellsworth Huntington: considerações sobre a correspondência referente ao mapa de ‘distribuição da civilização’ da obra *Civilization and Climate*”, retoma a importante discussão sobre a influência do darwinismo social na geografia estadunidense e como esse debate serviu, em grande medida, para justificar práticas imperialistas dos países centrais e discursos eugenistas de toda sorte.

No artigo “Território, jurisdição e ciberespaço: entre os contornos westfalianos e a qualidade transfronteiriça da *internet*”, Carolina Batista Israel mostra como as redes técnicas das telecomunicações – e as novas “territorialidades digitais” – têm colocado os territórios Estado-nacionais westfalianos definitivamente em xeque, o que obriga a reformulação dos paradigmas na geografia política.

Victor Andrade Melo, em “Uma geografia do esporte: a experiência dos clubes de iatismo da Zona da Leopoldina (Rio de Janeiro, 1941-1954)” desenvolve abordagem sobre o que poderíamos chamar de uma “geografia histórica”, do esporte na cidade do Rio de Janeiro, mostrando como um bairro hoje popular – Ramos – se tornou nas décadas de 1940 e 1950 um importante polo de lazer num subúrbio, para atividades de iatismo.

No texto “A paisagem como rosto: uma confluência entre a Geografia de Dardel e a Filosofia de Lévinas”, Francijonison Custodio do Nascimento problematiza a categoria *paisagem* por meio de propostas do geógrafo Éric Dardel e do filósofo Emanuell Lavinas, com especial destaque para o paralelo que permite a perspectiva existencialista de ambos.

Em “Análise geográfica e cartografia histórica: subsídios para entender a organização espacial da área gênese de Petrópolis-RJ”, Fernando de Souza Antunes e Manoel do Couto Fernandes fazem uma importante reconstituição da evolução urbana dessa cidade a partir do recurso à cartografia histórica – do ponto de vista empírico – e das categorias *forma, função, estrutura e processo* como ferramentas teóricas de análise.

No artigo “Cartografia social e uso de mapeamentos participativos na demarcação de terras indígenas: o caso da TI Porto Limoeiro-AM”, Marcos Aurélio Pelegrina mobiliza conceitos e práticas que estão na base da *cartografia social*, como são a geocolaboração, a informação geográfica voluntária e a cartografia

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 24 • nº 1 (2020)

ISSN 2179-0892

participativa, práticas que podem auxiliar na definição de políticas públicas territoriais, como é o caso do legítimo reconhecimento e da regularização oficial de terras dos povos tradicionais.

Sandro Francisco Detoni, em seu “Bases teórico-metodológicas do patrimônio natural: o papel da geografia e da geomorfologia na criação de áreas naturais tombadas”, mostra como o aparato conceitual e teórico-metodológico da geografia – e, em particular, da geomorfologia – pode ser fundamental para balizar políticas de preservação do patrimônio natural do país, em especial aquele que tem valor simbólico, econômico ou científico para as populações envolvidas.

Por fim, mas não menos importante, Juliana Santos de Oliveira apresenta resenha sobre o livro *Circuitos da economia urbana: ensaios sobre Buenos Aires e São Paulo*, publicado sob a coordenação da professora María Laura Silveira (UBA/Conicet). O texto mostra a abrangência – tanto geográfica como por ramos de atividade econômica – da teoria dos dois circuitos, assim como suas possibilidades de atualização crítica, que lhe dão enorme atualidade e capacidade explicativa do mundo contemporâneo.

Assim, a *Geosp* segue cumprindo seu importante papel na divulgação de resultados de pesquisas sólidos e de ideias contemporâneas na geografia, o que contribui para o debate público franco e para a problematização de temas consagrados ou novos na geografia. Nesse sentido, permite ainda que a disciplina siga o caminho dinâmico e transformador que a caracteriza. Mais do que nunca, essas são algumas das tarefas históricas que devem assumir todos os pesquisadores e professores de nossa comunidade.